

ESTAÇÕES

Diogo Nogueira Protásio Lopes de Oliveira

Era fim de tarde quando o comboio¹ chegou à capital de Alentejo². A plataforma foi invadida em segundos por uma multidão, toda gente encapotada para proteger-se de um vento gelado. Era outono, já com ares de inverno prematuro ainda em meados de setembro.

Um cachorro fez-se meu anfitrião. Estava ali, ao pé do³ último degrau, na saída da carruagem. Não podia imaginar, naquele momento, as inúmeras vezes que essa mesma cena se repetiria, pois as frequentes idas e vindas da capital tornaram-se rotina. O mesmo trem, a mesma plataforma, o dito cão em diversas ocasiões... O clima, esse, talvez, fosse diferente.

Segui os passos apressados dos cidadãos sem saber ainda ao certo em qual lado ficava o centro da cidade. Sem demora, cheguei ao Rossio⁴, de onde já pude ver as muralhas, o jardim público com seu castelo e as torres da catedral ao longe. Entrei na cidade como quem seguia um cortejo solene.

- 1 Em Portugal, chama-se o trem de comboio e carruagem a cada um dos seus vagões.
- 2 Região de Portugal conhecida pela produção de cortiça. Tornou-se renomada por sua culinária, por seus vinhos e queijos e pelas tradições típicas dos lavradores. Seu nome vem do fato de ficar na margem sul do rio Tejo, que desce desde a Espanha até Lisboa, onde encontra o mar, portanto, para além do Tejo ou Além-Tejo (como ainda se vê escrito em alguns textos).
- 3 “Ao pé de” é uma expressão típica de Portugal, ainda que seja usada em certas regiões do Brasil. Quer dizer *junto de, ao lado de, próximo a*.
- 4 Rossio, atualmente, é o nome de um bairro de Lisboa, assim como de várias cidades e aldeias de Portugal. Isso porque a palavra *rossio* designava o terreno comum, descampado, fora dos muros de fortificação, onde pessoas pobres moravam e cultivavam seus alimentos. No Brasil, usa-se o termo *roça* ou *roçado*.

Perguntei a um rapaz onde ficava a praça do Giraldo, ao que me respondeu: "*Giraldo's Square? Go just straight!*"⁵. Era mais um turista dentre os incontáveis que passam pelo local durante o ano todo.

Évora é o tempo materializado em camadas sobrepostas de história. Há, atualmente, um estranho contraste entre os casarões dos séculos passados e as boutiques de roupas, cosméticos e *souvenirs* industrializados. Surgiu em meu pensamento, então, a inquietação sobre qual impressão deixaremos de nosso tempo para a humanidade futura, já que hoje tudo parece ser descartável.

Percebi que até ali eu tinha cruzado as portas de três igrejas. São por volta de dezesseis delas no espaço dentro das muralhas. Uma herança arquitetônica e artística, sem dúvida. Entretanto, era uma presença carregada de memórias que se preferia, a qual fica arquivada nas velhas prateleiras da Biblioteca Municipal. Também ouvi os badalos marcarem o ritmo dessa cidade tão peculiar, pela devoção a Nossa Senhora do Ó – talvez um culto difundido pelos Jesuítas, fundadores do seminário local e da Universidade do Espírito Santo.

Cheguei ao templo de Diana, o qual dizem que, na realidade, foi construído em tributo ao Imperador Constantino. A verdade é que as ruas estreitas e sinuosas remetem aos latinos. Procurei dentre elas aquela onde ficaria alojado: a Rua do Cano, assim chamada por ainda preservar os arcos do antigo aqueduto romano.

Curioso são os nomes dados aos caminhos. Em geral, remetem ao tempo da monarquia católica, com sua corte e provençais. Os bairros da Mouraria e da Judiaria, regiões onde moravam árabes e judeus, deram lugar a freguesias com nomes de santos.

Nesses lugares, estudaram príncipes como D. Manuel. As cátedras nas salas de aula e os azulejos das paredes são do seu tempo. O cenário remete à época na qual professores de Filosofia da universidade daquele local rivalizavam com estudiosos das universidades de Coimbra, de Paris e de Roma, no que se refere aos estudos aristotélicos. Já não se ouve mais falar no renomado Molina, pois há outros nomes à sua altura, hoje atuantes nas mais diversas áreas do saber científico.

5 "*Praça do Giraldo? Só seguir em frente!*" [tradução livre do autor].

Escolhi ir para o doutorado em Évora por recomendações de professores e professoras do Brasil e da França. Tudo o que me foi dito quanto à boa reputação da Universidade era pertinente. Dos laboratórios de investigação com excelência reconhecida internacionalmente, ao bom acervo bibliotecário e ao acesso a grupos de pesquisa em colaboração internacional, tudo com muita seriedade e valor.

Tive essa certeza logo no dia da aula inaugural, no primeiro ano de doutorado. O encontro foi prestigiado por professores da Universidade Federal do Paraná, convidados especialmente para a ocasião, no sentido de estreitar laços já existentes. Em outra oportunidade, tivemos a visita de professores de Salamanca, sem falar na presença quase rotineira de colegas de outras universidades portuguesas.

Imagino que, em um dado momento, eram mais de duzentos alunos em mobilidade internacional ou integrantes do programa Erasmus. Dividi moradia com jovens, em formação ou em estágio profissional, de origem francesa, espanhola, libanesa, grega, italiana e filipina. Conheci pessoas da República Tcheca, do Irã, da Alemanha e da Bélgica, por fazermos parte de um grupo de estudos. Fiquei com a certeza de que é a ocasião que aproxima as pessoas.

Precisei atravessar o oceano para ouvir e conhecer mais a realidade do meu próprio país. De todo o Brasil, chegamos a ser setenta pessoas por trimestre. Amizades para levar comigo por toda a vida.

Há, na universidade, um calendário quinzenal de atividades científicas e culturais promovidas pelos departamentos, associação de alunos, pastoral e entidades da sociedade civil, que participam e usufruem do conhecimento produzido no meio acadêmico. A Universidade está imersa e integrada à rotina da cidade, de modo a colaborar inteiramente para o seu desenvolvimento.

Tive a impressão de que em Portugal as universidades vitalizam as cidades. Dia e noite eu ouvia jovens incansáveis a circular. Estudantes de fato. Eram como o coração que bate surdo e incessantemente ao som das tunas⁶,

⁶ Tunas são bandas musicais formadas por estudantes universitários. Podem ser masculinas ou femininas. Alguns desses grupos possuem tantas pessoas, incluindo antigos estudantes, que hoje formam verdadeiras agremiações estudantis. As tunas fazem mais comumente suas apresentações nos eventos da instituição; todavia, reúnem-se com regularidade na associação dos estudantes ou em bares, por diversão. Em Évora, há um dia de competição de tunas, oportunidade na qual podem ser vistas nos principais pontos turísticos do centro histórico.

de praxes⁷ e prendas⁸. São sinal de vida que faz pulsar as muralhas da cidade de Évora, testemunhas de tantas estações.

7 *Praxes* é o termo usado para as brincadeiras feitas com os calouros de cada faculdade no início do ano letivo. No Brasil, chama-se *trote*.

8 *Prendas* é o prêmio dado a quem vence uma competição. Por extensão, diz-se da própria competição.